

JOÃO GOUVEIA MONTEIRO (DIR.)

FERNANDO FLORÊNCIO | MARIA LEONOR CRUZ PONTES

LUÍS MANUEL DE ARAÚJO | ANGÉLICA VARANDAS

LAURA MARTINS | PAULA BARATA DIAS | FRANCISCO DIEZ DE VELASCO

HISTÓRIA DAS RELIGIÕES

DA ORIGEM DOS DEUSES ÀS RELIGIÕES DO FUTURO



POLITEÍSMOS ANTIGOS

ZOROASTRISMO

MODELOS RELIGIOSOS DO FUTURO

TAOISMO

FICHA TÉCNICA

facebook.com/manuscritoeditora
instagram/manuscrito_editora

© 2023

Todos os direitos relativos à chancela Manuscrito
encontram-se reservados para a Editorial Presença, S. A.
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título: *História das Religiões — Da origem dos deuses às religiões do futuro*
Autores: *João Gouveia Monteiro (Dir.), Fernando Florêncio, Maria Leonor Cruz Pontes, Luís Manuel de Araújo, Angélica Varandas, Laura Martins, Paula Barata Dias, Francisco Diez Velasco*
Copyright © João Gouveia Monteiro, Fernando Florêncio, Maria Leonor Cruz Pontes,
Luís Manuel de Araújo, Angélica Varandas, Laura Martins, Paula Barata Dias,
Francisco Diez Velasco, 2023
Copyright © Editorial Presença, 2023
Revisão: *Nuno Telheiro Martins/Editorial Presença*
Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*
Mapas: *Susana Rainho Monteiro*
Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

ISBN: 978-989-9087-89-7
Depósito legal n.º 520 667 / 23

1.ª edição, Lisboa, outubro, 2023

Nota do editor: as citações de outros autores mantiveram-se
tal qual a fonte de onde foram retiradas.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO (por João Gouveia Monteiro)	11
PRIMEIRA PARTE — OS POLITEÍSMOS ANTIGOS	
E O ZOROASTRISMO PERSA	45
Capítulo 1. Religiões étnicas: entre tradição e mudança (por Fernando Florêncio)	47
Introdução	47
I. Por uma definição antropológica do fenómeno religioso	48
II. Religião, poder e cura. Feitiçaria e pluralismo médico	53
III. Rituais e fenómeno religioso: ritos funerários e sacrifício	61
Referências bibliográficas	69
Capítulo 2. As religiões da Mesopotâmia (por Maria Leonor Cruz Pontes)	72
I. Coordenadas	72
II. A escrita	74
III. O papel da religião na sociedade	75
IV. O panteão divino e a sua evolução	76
V. A cosmogonia e a criação do Homem	79
VI. Os templos, os sacerdotes e os rituais	80
VII. A festa de Ano Novo	83
VIII. A <i>Epopéia de Gilgamesh</i>	84
IX. A herança suméria	87
Referências bibliográficas	89
Capítulo 3. A religião do Antigo Egito (por Luís Manuel de Araújo)	90
Abertura	90
I. A criação do mundo	92
II. A sistematização religiosa e o culto	98

III. O culto dos mortos e o Além	103
Cronologia	109
Referências bibliográficas	110
Capítulo 4. O Zoroastrismo na Pérsia antiga (por João Gouveia Monteiro)	112
I. Quem foi Zaratustra e por que razão ficou famoso?	112
II. De que fontes dispomos para estudar o Zoroastrismo?	114
III. Quais as principais linhas de força da doutrina zoroastriana?	117
IV. Como é o culto e quais são as festividades e ritos do Zoroastrismo?	130
V. O fio do tempo: como evoluiu o Zoroastrismo?	134
VI. Que peculiaridades e sobrevivências?	139
Referências bibliográficas	142
Capítulo 5. A religião dos celtas (por Angélica Varandas)	143
I. Os celtas: origens e expansão	143
II. Fontes	144
III. Simbolismo religioso	148
IV. Mitologia celta: Irlanda	153
V. Mitologia celta: País de Gales	157
Referências bibliográficas	165
Capítulo 6. Mitologia germânica e nórdica (por Laura Martins)	166
I. Por onde começar: «mitologia» e «religião»	166
II. Enquadramento histórico e geográfico	167
III. Problemática das fontes	171
IV. Cosmogonia e construções mitológicas: no princípio era o caos?	175
V. Cultos e ritos	180
VI. Cultura <i>pop</i> : o imaginário germânico e nórdico nos dias de hoje	182
Referências bibliográficas	184
Capítulo 7. As religiões da Grécia e de Roma antigas (por Paula Barata Dias)	187
I. As religiões gregas e romanas face aos outros politeísmos da Antiguidade	187
II. Primeiro religiões gregas, depois religiões romanas?	191
III. Características das religiões gregas e romanas	193
IV. As religiões gregas	201
V. As religiões em Roma	206
Os principais deuses do panteão clássico	211
Cronologia	214
Referências bibliográficas	216

SEGUNDA PARTE — OS CULTOS MODERNOS E AS RELIGIÕES DO FUTURO (por Francisco Diez de Velasco)	219
I. O conceito de religiões modernas e a reflexão sobre o futuro e as religiões	219
II. A religião e os novos parâmetros da modernidade	223
III. Entre a individualização e o ateísmo	227
IV. Antigas e novas religiões	230
V. Da diversidade religiosa à multirreligiosidade e ao problema do conflito religioso	233
VI. Os quatro modelos de religião no futuro	238
VII. As religiões na construção de um modelo de convivência global	242
Referências bibliográficas	246
 TERCEIRA PARTE — O TAOISMO: A VIA DO VAZIO PERFEITO (por João Gouveia Monteiro)	 249
I. Fontes e compositores	249
II. Textos e contextos. Os desafios da cultura chinesa	252
III. O <i>Tao Te Ching</i> e Laozi	256
IV. Zhuangzi — uma figura arrebatadora	264
V. Os conceitos fundamentais do Taoismo	273
VI. Confucionismo, Taoismo e Budismo na China: contrastes e entrelaçamentos	293
VII. As sentenças de Zhuangzi	298
Referências bibliográficas	309
 Notas	 311
Notas biográficas	339

INTRODUÇÃO

(POR JOÃO GOUVEIA MONTEIRO)

Este livro surge na sequência da apresentação da obra *História Concisa das Grandes Religiões*, editada pela Manuscrito, em 2021, e que tive o gosto de coordenar, contando com a preciosa colaboração autoral de Alfredo Teixeira, Laura Martins e Sofia Beato. Essa publicação constituiu uma primeira experiência, creio que bastante original, de apresentação ao público português, numa perspectiva didática, rigorosa e informativa, de seis grandes religiões mundiais com uma presença fortíssima no tempo atual: as três fês reveladas abraâmicas (Judaísmo, Cristianismo e Islão); e três das principais religiões «místicas e sapienciais» do Oriente (o Hinduísmo, o Budismo e o Confucionismo).

Logo na altura da apresentação desse livro (que ocorreu em Coimbra pela mão do padre Anselmo Borges, e, em Lisboa, pela voz do doutor Jaime Gama), sentimos a necessidade de prosseguir este trabalho de diálogo com o grande público sobre a apaixonante temática da história das religiões. O interesse das plateias e da editora também nos animaram a continuar, e, de tudo isso, nasceu este segundo projeto, que é, portanto, como que uma segunda peça de um díptico muito especial, até porque este é território que os autores portugueses pouco têm percorrido, apesar do seu enorme interesse, premência e atualidade.

Assim, decidi dedicar uma segunda obra ao tema «Da origem dos deuses às religiões do futuro». A ideia foi a de centrar atenções sobre um conjunto de imaginários religiosos muito antigos, em geral (mas não completamente) desaparecidos, e a que vulgarmente se chama de «politeísmos antigos», ou «tradicionais». Aqui, incluímos as religiões

étnicas (que sobrevivem em muitos lugares do mundo, nomeadamente, em África e na América Latina), as seminais religiões da Mesopotâmia (em especial, a suméria), a extraordinária religiosidade egípcia do tempo dos faraós, a mundividência religiosa do mundo celta (que suscita, hoje, um apreciável revivalismo), a inspiradora mitologia germânica e nórdica (nomeadamente, escandinava) e as bem mais conhecidas religiões da Grécia e de Roma antigas, absolutamente nucleares no processo de construção da cultura e da identidade europeias. A este painel, acrescentei um sétimo caso, que não pode ser categorizado como «politeísta», mas que entendi ser absolutamente obrigatório: o do Zoroastrismo (ou Mazdeísmo) iraniano, ou seja, o da religião monodualista do sacerdote-profeta Zaratustra, que teve uma influência tremenda sobre toda a vasta região da Pérsia antiga durante cerca de doze séculos (!), sobrevivendo ainda em certas regiões, não apenas no atual Irão e em vários núcleos espalhados pelo mundo, mas também, e sobretudo, na Índia, o território de refúgio das célebres comunidades *parsis*.

Em complemento destes sete casos, que compõem a Primeira Parte desta obra e que são analisados por estudiosos competentes em cada um dos temas (pela mesma ordem acima utilizada: Fernando Florêncio, Maria Leonor Cruz Pontes, Luís Manuel de Araújo, Angélica Varandas, Laura Martins e Paula Barata Dias), a que se somou o meu modesto contributo sobre o Zoroastrismo, entendi ser oportuno acrescentar uma Segunda Parte, dedicada ao tema dos cultos modernos e das religiões do futuro. Um tal capítulo teria de ser entregue a alguém com mão de mestre e com muita experiência acumulada na investigação e no ensino da história comparada das religiões; digo mais: alguém com prática profissional consolidada no domínio da observação dos fenómenos religiosos da contemporaneidade e, a partir daí, com reflexão lúcida e sólida sobre os diversos cenários que o futuro pode proporcionar. A escolha recaiu sobre Francisco Díez de Velasco, professor catedrático da Universidade de La Laguna (Tenerife) e coordenador do grupo de investigação HISTOREL, que funciona também como um observatório permanente das religiões modernas (em Espanha e não só).

Devo explicar que as conclusões que se apresentam ao longo das primeira e segunda partes desta obra foram, de algum modo, «testadas» em março e abril de 2022, num colóquio organizado pela Academia para o Encontro de Culturas e de Religiões da Universidade de Coimbra

(APECER-UC). De facto, foi num vasto simpósio desta estrutura (fundada em janeiro de 2020, dependente da Reitoria da Universidade de Coimbra e que pretende — através de sessões, tertúlias e cursos livres — promover «o conhecimento da história das diferentes culturas e tradições religiosas mundiais, numa perspetiva não confessional e vocacionada para o estímulo do diálogo intercultural e inter-religioso») que nasceu este livro! Todos os assuntos que constituem os capítulos das primeira e segunda partes desta obra foram, na primavera de 2022, objeto de uma apresentação oral naquele colóquio, em regime de conferência, seguida de debate com o vasto público presente. Os autores dessas palestras são também aqueles que assinam os capítulos do livro que agora se publica, tendo igualmente escolhido os inúmeros mapas e ilustrações que acompanham esta bela edição.

Por fim, a Terceira Parte desta obra cumpre uma promessa herdada da publicação anterior: continuar a olhar para leste, nomeadamente para a China antiga, e incluir, neste trabalho, um estudo sobre uma quarta grande «religião mística e sapiencial»: o Taoísmo. Chamei a mim próprio a responsabilidade deste estudo, e com genuína paixão, pois o tema, além de incrivelmente incomum e desarmante, é de grande relevância e atualidade.

★

Vou agora apresentar um breve resumo de cada um dos capítulos, de modo a familiarizar o leitor com cada um dos temas e dar um pouco mais de conforto a uma leitura integral, em profundidade.

A **Primeira Parte** deste livro — e a mais extensa de todas — é, como já se disse, dedicada aos **politeísmos antigos e ao Zoroastrismo persa**. Pretende-se aqui não apenas evocar algumas das mais impactantes formas de religiosidade das civilizações do mundo antigo, explicitando as suas bases, teogonias e materializações culturais concretas, mas também destacar a impressionante atualidade de alguns dos seus pressupostos, as interações de algumas dessas formas religiosas com a modernidade e, ainda, o revivalismo que várias delas suscitam no mundo de hoje.

O **Capítulo 1**, dedicado ao tema «**Religiões étnicas: entre tradição e mudança**», tem a assinatura de **Fernando Florêncio**, professor de Antropologia na Universidade de Coimbra, a quem se deve uma obra já

vasta e rica, alimentada por muito trabalho de campo, nomeadamente em Moçambique.

Este capítulo encontra-se subdividido em três partes: na primeira, o autor busca a melhor definição de «fenómeno religioso» — conceito sempre difícil de fixar com precisão — a partir do seu olhar experimentado de antropólogo. Num segundo momento, Fernando Florêncio apresenta o tema das religiões étnicas (também) enquanto sistemas de cura, incluindo a respetiva interação com outros sistemas de terapia e de saúde (religiosos, científicos ou outros) e analisa a influência das novas confissões religiosas sobre aqueles sistemas tradicionais. Na terceira parte, ocupa-se da noção de «ritual» e discute a função deste no seio das sociedades tradicionais. Destaca-se, neste ponto, a abordagem dos rituais funerários, analisados enquanto ritos de passagem entre estratos sociais, matéria que é rematada por uma reflexão final acerca dos sacrifícios.

O capítulo dedicado às «religiões étnicas» é de uma imensa riqueza, e espantem-se aqueles que pensam que estamos a falar meramente de sociedades tradicionais já extintas, ou que, sobrevivendo, são inteiramente alheias às problemáticas da modernidade e da própria globalização. Na verdade, um dos aspetos mais interessantes do texto de Fernando Florêncio consiste precisamente em identificar os impactos resultantes do contacto das religiões étnicas ou tradicionais com as «grandes religiões» de hoje (em especial, com o Cristianismo, nomeadamente nos contextos africano e sul-americano): «Na maior parte dos contextos etnográficos, as maiores transformações que as sociedades tradicionais sofreram, quer nos seus sistemas religiosos quer sociais, prendem-se, sem dúvida, com a penetração e difusão das congregações religiosas protestantes, a partir da segunda metade do século XIX, com ênfase especial para Metodistas e Batistas. Por esse mundo fora, com relevo nos contextos nativos e indigenistas, as missões protestantes, em geral fundadas por um casal de missionários, constituíam centros de “produção de modernidade”, cristianizando e civilizando, combatendo costumes e tradições locais, tais como a regulação e as crenças na feitiçaria, o xamanismo e as curas tradicionais, a poligamia e a sexualidade “desregrada”, o alcoolismo e a ociosidade, e impondo a moral e a ética cristãs, a monogamia, a fé e a confissão, o trabalho como ética libertadora, e introduzindo a medicina ocidental.»

Do mesmo modo, Fernando Florêncio descreve os processos de resistência detetáveis nas sociedades tradicionais, vistos como respostas locais para evitar aquelas penetrações externas e capazes de dar origem a movimentos proféticos, messiânicos, milenaristas ou fortemente sincréticos.

Particularmente excitante é a «visita guiada» em que o autor nos conduz, um pouco mais em concreto e a partir de exemplos muito atuais, pelo universo dos «especialistas do sagrado». Falamos, nomeadamente, da regulação da feitiçaria, através do *nhamussoro* moçambicano (etnia dos Ndaou); neste ambiente, é especialmente flagrante o confronto entre os sistemas de cura tradicionais e os que resultam da modernidade, redundando em cenários terapêuticos plurais que documentam bem como a busca da saúde configura um processo dinâmico: «Os universos da cura oferecem hoje exemplos paradigmáticos dessas interconexões, criando, ao nível local, “arenas de cura”, nas quais diferentes modelos de terapêutica, baseados na religião, na ciência e noutras filosofias se confrontam e disputam hegemonias diferenciadas. A literatura da Antropologia Médica tem produzido uma distinção clara entre, por um lado, saúde (*health*), que se relaciona com a noção de bem-estar, com a ciência e com a biomedicina, e, por outro, cura (*healing*), que “indica o domínio histórico-cultural de cosmologias e de práticas que são frequentemente designadas como “tradicionais”».

Fascinante é também a análise do caso particular dos Wari’, do Brasil, que revela a multifuncionalidade dos ritos tradicionais, seja no plano psicoemocional, seja no domínio cognitivo ou até sociopolítico. Neste contexto, os sacrifícios ritualizados podem cumprir um claro papel de sistemas de permuta organizada entre os humanos e as entidades espirituais: «os sacrifícios consagram uma relação de troca entre humanos e divindades, na qual os humanos oferecem às divindades uma vítima sacrificial, esperando, em troca, uma satisfação de proteção ou de alívio».

O **Capítulo 2**, da autoria de **Maria Leonor Cruz Pontes** (licenciada em História-Arqueologia, e Mestre em Museologia e Património Cultural pela Universidade de Coimbra), é dedicado às **religiões da Mesopotâmia**, região que constituiu o *locus* de origem de uma parte significativa das civilizações que hoje conhecemos, nomeadamente no mundo ocidental: «A Mesopotâmia é considerada o berço da civilização,

pois foi aqui que, no terceiro milénio antes de Cristo, se desenvolveu a mais antiga civilização do mundo — a Suméria, uma sociedade já com uma complexa organização social, política e religiosa.»

O desafio é grande, devido à magnitude da cronologia (que podemos balizar, *grosso modo*, entre o final do quarto e o primeiro milénios antes de Cristo) e também da geografia (tanto mais que o espaço em apreço se foi alargando, desde a precoce centralidade suméria até ao vasto Império Assírio dos reis Tiglate-Pileser, Assurubalite e Assurbanípal, para apenas citar os mais famosos).

No espaço da Mesopotâmia (literalmente «[terra] entre dois rios»: o Tigre e o Eufrates), a evolução das tradições religiosas aconteceu em grande parte graças aos contributos de diferentes tradições e culturas, de que se destacam a suméria, a acádia, a babilónica e a assíria. Uma das conquistas mais relevantes — e com evidente reflexo em termos culturais — foi a utilização da escrita, inventada e aperfeiçoada pelos sumérios nos finais do quarto milénio antes de Cristo. Falo da escrita cuneiforme, que seria depois adotada e adaptada por quase todos os povos do Próximo Oriente, o que contribuiu decisivamente para um melhor conhecimento das respetivas formas de religiosidade. Como refere Maria Leonor Cruz Pontes: «A escrita é deveras importante para o estudo das religiões da Mesopotâmia, pois é a partir das informações recolhidas em diversas obras literárias (como hinos, mitos, contos épicos, fábulas, ensaios ou provérbios) que tem sido possível reconstituir o pensamento e as crenças destas sociedades.»

No cenário mesopotâmico, a civilização suméria (pela sua antiguidade) ocupa um lugar muito especial. Aliás, «mesmo depois do seu fim político, a civilização suméria sobreviveu, pois foi transmitida aos babilónios e aos assírios nos domínios da religião, do Direito, das instituições e até da escrita, que adaptaram à sua própria língua. O sinal mais revelador desta continuidade é o facto de o sumério, que deixou de se falar cerca de 2000 a. C., se ter mantido como língua litúrgica e científica durante cerca de quinze séculos (tal como viria a suceder com o latim, na Idade Média ocidental)».

Por tudo isto, o texto de Maria Leonor Cruz Pontes procura identificar as principais especificidades religiosas dessa tradição: um número imenso de deuses (que foram mudando de nome); uma ligação estreita com os fenómenos da natureza (sobretudo numa fase inicial);

a definição de hierarquias internas (à maneira das sociedades humanas); e a variabilidade da importância futura de algumas divindades e tradições, consoante as características e as preferências dos povos que ocuparam sucessivamente a mesma região. «Uma inovação relevante é que, a partir de meados do segundo milénio antes de Cristo, surgem deuses que representam entidades políticas e que ascendem ao topo da hierarquia. Foi o caso de Marduk, o deus tutelar da Babilónia, e depois também o caso de Assur, o deus tutelar da Assíria.»

Aspeto, entre todos, absolutamente notável é, reitero, a herança que os povos da antiga Mesopotâmia (e em especial os sumérios) deixaram, ou seja, a influência que tiveram nas tradições civilizacionais posteriores, desde logo sobre a tradição judaico-cristã. Basta pensar no precioso texto bíblico (a obra mais influente da história da Humanidade), visível, por exemplo, no episódio do dilúvio, ou na história tão tocante e exemplar de Job. Do mesmo modo, as fábulas e os provérbios que reputamos tantas vezes de greco-latinos têm, afinal, pelo menos em parte, a sua origem nas velhas civilizações da Mesopotâmia.

Quase a rematar este capítulo, a autora evoca a célebre *Epopéia de Gilgamesh*, uma história de heróis e de aventura que foi passada a escrito na Babilónia, mas que bebeu profundamente na tradição cultural e religiosa suméria. «Os babilónios usaram os episódios sumérios, mas modificaram-nos no seu conteúdo e na sua forma; além disso, relacionaram-nos entre si, formando um todo coerente em que a progressão da narrativa conduz o herói até à inevitável decepção final.» Conforme o leitor poderá apreciar — se quiser regalar-se com a leitura da bela tradução de Pedro Tamen —, é manifesta a grande atualidade da trama central da narrativa da *Epopéia de Gilgamesh*: o essencial tem que ver com a reflexão sobre a morte, com o sentido da existência e com a busca incessante da imortalidade...

O **Capítulo 3** ocupa-se da **religião do Antigo Egito**, e é assinado por **Luís Manuel de Araújo**, professor jubilado da Universidade de Lisboa e curador das coleções egípcias do Museu Calouste Gulbenkian e do Museu Nacional de Arqueologia (o que, só por si, diz tudo sobre a sua reputação científica).

A civilização egípcia é outro caso fascinante, pois foi erguida (a partir, aproximadamente, de 3200 a. C.) como «uma flor entre dois desertos» (o arábico, a nascente, e o núbio, a poente). Num espaço de cerca de

um milhão de quilómetros quadrados, atravessado por um único rio, sem afluentes, correndo de sul para norte (o Nilo, o maior curso de água do mundo: cerca de 6500 quilómetros de extensão), construiu-se o primeiro país unificado de que há notícia! Na verdade, embora menos antiga do que a suméria, a civilização egípcia superou o modelo das cidades-estado rivais mesopotâmicas (como Ur, Uruk, Kish ou Lagash) e, a partir de Mênfis e ao longo do chamado «Império Antigo» (cerca de 2660-2180 a. C.), conseguiu unir o norte e o sul do território banhado pelo grande rio originário dos lagos da África Central.

Neste espaço ímpar, marcado pelas cheias pontualíssimas e tão nutrientes de meados de julho, ergueu-se uma civilização caracterizada pelo método, pela disciplina, pela ordem, pela organização, pela tolerância e por uma inédita valorização da figura feminina. Uma civilização alimentada por uma mão de obra de relativamente poucos escravos e muitíssimos camponeses que, entre julho e setembro/outubro, por causa das cheias do rio, não podiam cultivar os seus campos e engrossavam, assim, os vastos exércitos de operários que promoviam a construção de obras públicas monumentais, de que as cerca de cem pirâmides são apenas o mais icónico dos exemplos.

No seu texto, Luís Manuel de Araújo analisa a componente religiosa da cultura do Egito, sobre o qual Eça de Queiroz disse, um dia (na sequência de uma viagem para assistir *in loco* à inauguração do Canal do Suez, em 1869), tratar-se de «um país simples, luminoso e claro». O capítulo começa por frisar o número exceccionalmente vasto de deuses e de seres divinos, assim como a complexidade de crenças, num politeísmo «amiúde confuso e, por vezes, mesmo contraditório». Tratou-se de uma religião claramente nacional e assente no culto, que, ao contrário das religiões abraâmicas, não possuía qualquer livro canónico. Era, ademais, uma religião *in fieri*, porque, não sendo revelada, cresceu dinamicamente ao longo de toda a história desta civilização.

Luís Manuel de Araújo enfatiza o forte cariz religioso da civilização egípcia, no seio da qual o próprio faraó era visto como um deus vivo. Foram mais de três mil anos de história e de religião, em que o objetivo dos rituais consistia em manter o mundo tal como os deuses o haviam criado. Para isso, havia que observar as normas da *Maet* — esse bonito conceito humanista que inclui justiça, harmonia, equilíbrio, solidariedade, tolerância, afeto, discernimento, ponderação, bom senso e organização.